

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A um passo da universidade indígena

DANTE DE OLIVEIRA

A PARTIR do segundo semestre, Mato Grosso, por meio da Secretaria de Educação e da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat), dará início a três cursos de licenciatura — nível superior, portanto — a professores índios de 35 povos indígenas que vivem em território mato-grossense.

Confesso que me sinto extremamente gratificado, pois é algo inédito em toda a América Latina. Pela primeira vez no continente o poder público preocupa-se em oferecer aos índios o mesmo direito já desfrutado há séculos pelo homem branco: a formação educacional de nível superior.

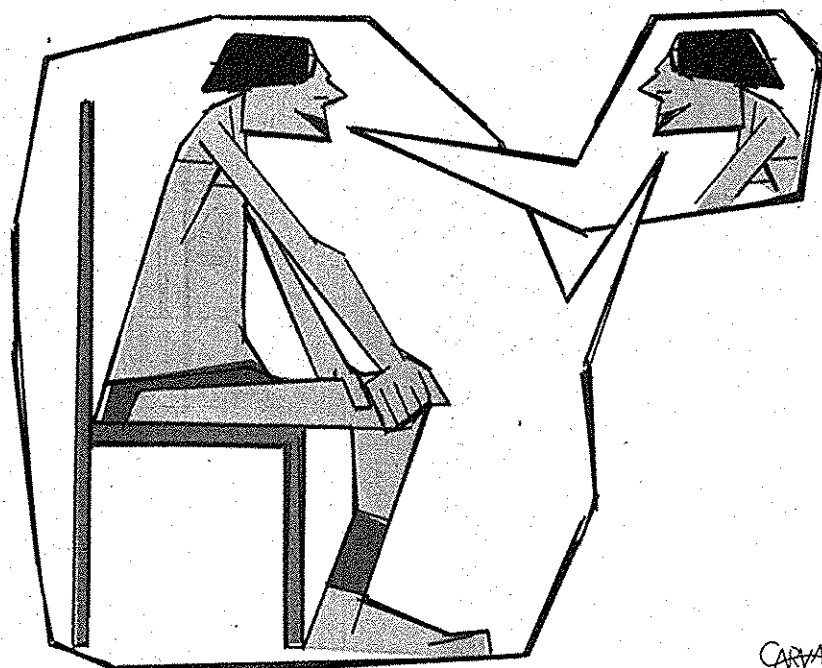
No Brasil, assim como em praticamente todo o mundo, os povos indígenas vêm sendo vítimas de um preconceito arraigado, como se fossem cidadãos de segunda categoria condenados à estagnação cultural e à exclusão.

Os números não deixam dúvidas. Num levantamento de 1996, em todo o Brasil, apenas 62 índios tinham acesso ao ensino superior. E temos mais de 300 mil índios. O restante vive numa espécie de gueto cultural.

Os cursos de licenciatura — nas áreas de ciências matemáticas e da natureza, ciências sociais, línguas e artes e literatura — partem de alguns pressupostos importantes que merecem ser destacados, como a afirmação étnica e a valorização de costumes, línguas e tradições das comunidades indígenas.

Também se propõem a buscar respostas para os problemas e para as expectativas dos povos e a compreender os processos históricos de suas formações étnicas e culturais. Não é por outra razão que os cursos serão voltados também para o estudo e para a utilização das línguas dos próprios índios no trabalho docente. A pesquisa será incentivada.

Essa iniciativa representa um segundo passo. O primeiro foi o Projeto Tucum, que, desde 1996, promoveu a formação de 200 professores índios, que ministram aulas do ensino médio para 4.500 alunos de 28 etnias, distribuídas em 24 municípios, num trabalho de parceria com a Funai e com ONGs.



CARVILL

*Estamos dando
oportunidade para que
crianças índias sejam
formadas por professores
de suas próprias etnias*

Com o Projeto Tucum, estamos dando oportunidade para que as crianças índias sejam formadas por professores de suas próprias etnias, os quais têm compromisso com a preservação, a difusão e o enriquecimento da cultura indígena. O Banco Mundial financia o projeto pelo Prodeagro, programa que desenvolvemos no Estado.

A essência da proposta do Projeto Tucum está sustentada no tripé terra, língua e cultura. É uma experiência nova para romper a dualidade que separa a educação da prática cultural. No sentido inverso, o conteúdo programático

das disciplinas é diferenciado, específico, intercultural e bilingue. Essa opção evita, entre outras coisas, que o ensino exclusivamente em português leve ao desaparecimento das línguas indígenas, como demonstram vários casos.

Todas essas ações abrem caminho para um objetivo maior: a implantação, em Mato Grosso, de uma universidade indígena. Esse será, certamente, o grande passo em defesa da cultura indígena, o que acontecerá tão logo sejam concluídos os cursos de licenciatura.

Quando tivermos uma universidade indígena, ela inevitavelmente se transformará num espaço de perenização e fortalecimento do imenso acervo cultural das dezenas de etnias espalhadas pelo país. E o que é mais importante, um espaço dos próprios índios, democrático, onde poderão, eles próprios, definir o destino de suas futuras gerações.

Dante de Oliveira, 48, é governador reeleito de Mato Grosso pelo PSDB. Foi prefeito de Cuiabá (1985-86 e 1993-96) e ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (governo Sarney).